



A AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L1 E DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA SURDOS: UMA VISÃO FUNCIONALISTA

Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto¹
Universidade Federal da Grande Dourados
Rosana de Fátima Janes Constâncio²
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo

Neste artigo faremos uma reflexão sobre o processo de aquisição de línguas por surdos, sendo a Libras como primeira língua – L1 e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua - L2. A partir de uma perspectiva funcionalista sobre a linguagem, nosso objetivo em linhas gerais é discutir sobre os aspectos teóricos e gramaticais da Libras, para posteriormente entender os aspectos teóricos e gramaticais da Língua Portuguesa-LP na modalidade escrita; como também de que maneira estes sujeitos podem adquirir a L1, Libras, para que posteriormente possa adquirir a L2, a LP na modalidade escrita. Portanto, para que seja possível alcançar os objetivos, adotamos o procedimento teórico metodológico de base científica, bibliográfica, interpretativa a partir de uma perspectiva funcionalista sobre a linguagem (BUTLER, 2003; GIVÓN, 2001; FIORIN, 2003; NEVES, 1997), com base nos estudos sobre a Libras e a aquisição da linguagem (SALLES, 2007; QUILES, 2010; KLIMSA e KLIMSA, s/d; FELIPE, 2006; HONORA, 2009; QUADROS, 2004 e GESSER, 2009). Ao realizar os estudos, confirma-se que o uso da língua materna no processo de ensino aprendizagem dos mesmos é essencial, lembrando-nos que as funções e aspectos da L1 e da L2 se diferenciam, por serem línguas com sistemas linguísticos distintos. Portanto, conclui-se que a linguagem não se limita somente a fala, podendo ir além do ouvir, podendo ser adquirida visualmente, nenhum ser humano é incapaz de se comunicar, todos têm capacidade de comunicação, quando se há meios e ferramentas que o auxiliem no processo de aquisição.

Palavras-chave: Aquisição de Línguas, Abordagem Funcionalista, Surdos.

THE ACQUISITION OF LIBRAS AS L1 AND THE PORTUGUESE LANGUAGE AS L2 FOR THE DEAF: A FUNCTIONAL VISION

¹ Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UNESP- São José do Rio Preto;- SP (2018-2022), tendo como orientador Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza. Mestre em Letras - Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS/ CPTL (2015), tendo como orientadora Prof. Dr. Vânia Maria Lescano Guerra. Graduada em Letras Língua Portuguesa/Libras pela Faculdade de Educação à distância pela Universidade Federal da Grande Dourados - EaD/UFGD (2013-2017).

² Rosana de Fátima Janes Constâncio. Doutoranda do PPG em Letras da UNIOESTE, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade, com orientação do Prof Dr.Jorge Bidarra. Docente do Curso de Licenciatura em Letras/ Libras da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Professora Assistente, nível I, Classe B, lotada na Faculdade de Educação a Distância - EaD/UFGD.

Abstract

In this article we will reflect on the process of languages acquisition by deaf people, with Libras as the first language - L1 and written Portuguese a second language - L2. From a functionalist perspective on language, our general objective is to discuss the theoretical and grammatical aspects of Libras, in order to later understand the theoretical and grammatical aspects of the Portuguese Language-LP in written form; as well as in what way these subjects can acquire L1, Libras, so that later they can acquire L2, the Portuguese, in the written modality. Therefore, in order to achieve our objectives, we adopt a theoretical and methodological approach scientific, bibliographic, and interpretive bases from a functionalist perspective on language (Butler, 2003, FIORIN, 2003; NEVES, 1997), considering studies on Libras and language acquisition (SALLES, 2007, QUILES, 2010, KLIMSA and KLIMSA, s / d, FELIPE, 2006, HONORA, 2009, QUADROS, 2004 and GESSER, 2009). By carrying out the studies, we can confirm that the use of the mother tongue in the teaching process is essential, reminding us that the functions and aspects of L1 and L2 differ because they are languages with different linguistic systems. Therefore we conclude that language is not limited to speech, it can go beyond listening, can be acquired visually, no human being is unable to communicate, everyone has the ability to communicate, when there are means and tools that help them in the acquisition process.

Keywords: Acquisition of Languages, Functionalist Approach, Deaf.

1- Introdução

O título desse artigo, “*A Aquisição da Libras como L1 e da Língua Portuguesa como L2 para surdos: uma visão funcionalista*”, surgiu após discussão realizada durante a ministração da disciplina de Estudos Linguísticos com a turma do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Libras, na faculdade de Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados – EaD/UFGD. Discussão essa, que demonstra angústia por parte dos estudantes surdos do curso a respeito da aprendizagem de seus pares, a partir de uma história marcada pelo oralismo.

A comunidade surda de uma forma geral, no mundo e no Brasil passaram por um longo período equivocado no que diz respeito às suas necessidades comunicativas, a fala oral era uma imposição através de exercícios orais cansativos, fazendo e seguindo atividades propostas por profissionais da área médica, que apesar de todas as circunstâncias davam esperanças aos familiares de que os filhos iriam ouvir e falar, sendo proibido o uso da comunicação gestual, ou seja, o uso da língua de sinais. Essas imposições eram uma tortura para os surdos, enquanto que para os Deficientes Auditivos – D.A, mesmo sendo difícil

ajudava na sua comunicação com os demais por haver possibilidade de comunicar-se oralmente. No entanto, as cobranças pela perfeição trouxeram para muitos um trauma marcante em suas vidas, após muitos anos de lutas e conquistas, a língua gestual passou a ser o legítimo canal de interação social, o que chamamos hoje de língua de sinais.

No Brasil, o direito de se comunicar em igualdade com uma sociedade na qual a maioria é ouvinte, finalmente a língua de sinais é reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação e expressão com a publicação da **LEI N.º 10.436 de 24 de abril de 2002 (MEC, SEESP, 2007. p.15-16)** que além de reconhecer a Libras como língua para a comunidade surda, garante o apoio ao seu uso e difusão, bem como prevê seu ensino em concomitância com o da modalidade escrita da Língua Portuguesa, não devendo esta ser substituída pela língua de sinais (CRUZ, 2011):

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (...)

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

A partir do momento que a língua de sinais passou a ser vista com outros olhos pelos estudiosos e pela comunidade, a aprendizagem dos surdos começou a ser importante e considerada pelos profissionais da educação. Hoje uma proposta que vem sendo discutida entre os profissionais da área é a proposta bilíngue, que por sua vez proporciona de forma objetiva ao surdo o uso de duas línguas com sistemas linguísticos distintos em concomitância, dentro de real contexto de uso, desde que sejam consideradas as especificidades de cada língua em funcionamento.

Ao serem inseridos nessa nova proposta de educação, os surdos oferecem a sua língua materna, a Libras, aos estudos linguísticos como um material riquíssimo, com conteúdo singular a ser investigado dentro de contextos, respeitando a essência de sua modalidade a visuo-espacial, como também, a modalidade escrita da Língua Portuguesa – doravante L2, que independente do nível em que se apresente na produção escrita dos surdos deve ser considerada para fins de investigação.

Conforme Cruz (2011), a língua em si possui uma diversidade de fenômenos linguísticos e assim, como a LP, a Libras têm suas próprias regras gramaticais, regras estas, que também devem ser respeitadas e consideradas ao investigar e analisar a escrita destes sujeitos – os surdos, para posteriormente dirigirem-se métodos que contemplem de forma colaborativa a aquisição de segunda língua por esses.

Diante das novas propostas de educação para surdos e o processo de aquisição de línguas pelos sujeitos em questão, proporcionar aos estudos linguísticos diferentes objetos de análise e investigações linguísticas a serem exploradas; o presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão de cunho funcionalista sobre o funcionamento da língua materna destes sujeitos, assim como estes podem adquirir uma segunda língua considerando as funções linguísticas de sua língua materna, Libras.

O procedimento teórico metodológico utilizado foi de base bibliográfica e interpretativa a partir de uma perspectiva funcionalista sobre a linguagem (BUTLER, 2003; GIVÓN, 2001; FIORIN, 2003; NEVES, 1997), com base nos estudos sobre a Libras e a aquisição da linguagem (SALLES, 2007; QUILES, 2010; KLIMSA e KLIMSA, s/d; FELIPE, 2006; HONORA, 2009; QUADROS, 2004 e GESSER, 2009).

Na tentativa de elucidação do objetivo proposto, serão realizadas discussões ao longo do texto, utilizando-se para isso, o mosaico que retrata a aquisição de linguagem, dando-se ênfase em linhas gerais sobre a abordagem funcionalista, especificamente, sobre a ótica funcionalista sobre a Libras. Ao final, traçam-se as considerações finais, apresentando-se a importância da L1 no processo de ensino aprendizagem da L2 na modalidade escrita por surdos.

2- A Aquisição de Linguagem

A linguagem humana tem passado, ao longo dos anos, por diversos processos evolutivos tornando-se uma característica marcante desta espécie, mesmo com desenvolvimentos significativos, não tem sido fácil explicar as condições ambientais e mutações genéticas que propiciam esse desenvolvimento evolutivo tão importante para o ser humano, pois a partir do momento que possuímos uma língua, nos diferenciamos de outros seres vivos (SALLES, 2007, p.66).

Sendo a linguagem a qual estamos submetidos para que seja possível estabelecer um elo de comunicação com nossos pares, tem em si diversas possibilidades de interação com outras habilidades cognitivas, no desenvolvimento das estruturas neurológicas e do perfil cognitivo do indivíduo. Torna-se importante observar que o cérebro está neurologicamente equipado para adquirir uma língua, não sendo ela necessariamente a fala (oral), temos como exemplo, as pessoas surdas, que para elas o ato de ouvir e a fala não são condições para a aquisição e uso de uma língua, como muitos defendem.

As pessoas que nascem surdas e que aprendem a língua de sinais, conforme Salles (2007), sua capacidade linguística não resulta simplesmente em habilidades que estejam voltadas a fim de cumprir apenas funções comunicativas. Podemos observar então que em meio a uma sociedade que temos diferentes indivíduos com estratégias diferenciadas de aquisição de linguagem, alguns têm mais facilidades, outras mais dificuldades, como por exemplo, os que sofrem com distúrbios de linguagem, as chamadas afasias, em que as pessoas revelam conhecimento pleno das propriedades estruturais da língua, mas não são capazes de utilizar regras pragmáticas e comunicativas.

A ligação intrínseca da linguagem com a natureza humana, tanto nos aspectos biológicos como psicossocial, tem sido motivo de especulações, mitos e preconceitos, gerando consequências diversas não somente para o indivíduo como também para a sociedade, vindo a ser ao mesmo tempo objeto de reflexões filosóficas, pesquisas científicas,

cuja aplicação se verifica em inúmeros campos da vida moderna, em particular no desenvolvimento de tecnologias educacionais para o ensino de línguas.

Sendo assim, os estudos linguísticos têm sido muito utilizados pelos linguistas e professores no que diz respeito ao processo de aquisição e aprendizagem de línguas, girando suas discussões em conceitos teóricos que melhor expliquem os processos pelos quais os indivíduos adquirem uma língua seguindo abordagens linguísticas condizentes com o foco de cada pesquisador;

Os reflexos desses conceitos discutidos entre os profissionais da área são visíveis no meio escolar, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento da aprendizagem e da linguagem dos estudantes. Ao discutir sobre temas linguísticos, muitos de seus defensores utilizam estratégias e teorias para tentar orientar os profissionais numa forma de entender e compreender os processos pelo quais os sujeitos passam para posteriormente adquirir uma língua, sendo que hoje o que mais vem sendo discutido em nossa sociedade é a questão do aprendizado de sujeitos surdos ao adquirirem uma linguagem.

A aquisição e o processo de construção da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, por surdos brasileiros usuários da Libras, tem sido o foco constante de estudos. Porém, a maioria destes estudos está, infelizmente, relacionada com metodologias educacionais baseadas em estratégias descontextualizadas, repetitivas e no uso somente da oralidade. Tais metodologias têm gerado discussões como, quais as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos? Como também as diferentes construções escritas de surdos, como escritas atípicas.

Considerando essas discussões, a que tem mais ênfase é sobre a interferência da Língua de Sinais (Libras) nas construções escritas dos surdos, sendo que muitos consideram surdez como o fator que gera a dificuldade no desenvolvimento da escrita (GUARINELLO, 2012, p.14). No entanto, esses se esquecem de que a língua materna destes sujeitos também tem suas funcionalidades que interferem no processo de escrita da LP, levando-os a serem considerados sujeitos iletrados funcionais por não fazerem uso da língua portuguesa escrita na sua forma padrão.

Somos sabedores de que para uma pessoa se inserir no universo do letramento e ser considerada letrada, ela necessita, desde criança, ter um convívio efetivo com a leitura para se apropriar do sistema de escrita, praticando-as socialmente e se envolvendo em questões que a faça refletir e praticar a língua como: o que, quando, onde, quanto, com que e por que as pessoas lêem e escrevem (GUARINELLO, 2012.p.14), isso quando as pessoas ouvem, tem um meio de comunicação em comum. Mas, por outro lado, as pessoas surdas encontram esta dificuldade de inserção, por não haver uma língua em comum entre ela e seu receptor.

Essa diferença de *input* linguístico entre surdos e ouvintes nos leva a uma reflexão interessante e ao mesmo tempo preocupante, que é aquisição de línguas por surdos. Pois, quando se trata de surdez, o processo de letramento torna-se ainda mais agravante, pois se pararmos para pensar e analisar, serão perceptíveis os motivos para este agravante, dentre eles: ainda existem sujeitos surdos que não têm as mesmas condições que os ouvintes de estar inseridos em práticas sociais de leitura e escrita; há falta de proficiência em Libras e em Língua Portuguesa na modalidade escrita, por não existir nas escolas uma língua comum entre os surdos e professores (GUARINELLO, 2012, p.14); há falta de uso de diferentes materiais de leitura que possibilitem que o surdo construa hipóteses sobre a língua escrita respeitando as funcionalidades de sua língua materna.

Diante dos fatos expostos, eis neles o motivo das preocupações de educadores quanto ao aprendizado e desenvolvimento dos sujeitos surdos, pois estes quando criança chegam às escolas sem nenhuma base linguística concreta, com experiências de leitura e de escrita limitadas e sem possuir o mesmo conhecimento de mundo que as crianças ouvintes, limitando assim, as suas habilidades para desenvolver a leitura e a escrita no contexto escolar, seguindo-se adiante quando não trabalhado de forma sucinta pelo profissional.

Além disso, muitas das práticas educacionais atuais usadas com os surdos, não levam em consideração a função social da língua escrita, baseando-se em atividades de repetição, reprodução, o que resulta em um aprendizado reduzido e artificial. Para Guarinello (2007), as atividades de leitura e de escrita costumam ser exercícios mecânicos e descontextualizados, nas quais os trabalhos com textos se reduzem, muitas vezes, apenas ao uso de livro didático, sem lhes atribuir uma função social, ou seja, a escrita é vista apenas sob ponto de vista Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.2, p.183-302, setembro-dezembro, 2018.

escolar. Não existe a preocupação em torná-la prazerosa ou não menos funcional no momento em que é apresentada à criança.

Os estudos sobre o processo de aquisição de linguagem escrita por surdos tornam-se interessantes e aguçadores para pesquisadores, pois neste processo este sujeito necessita da presença do outro, ou seja, da interferência de um adulto letrado, proficiente em Libras e conhecedor das funcionalidades desta, pois é este que irá orientar e mediar a escrita destes sujeitos, estabelecendo entre si um conjunto de conhecimentos e sentidos aos textos.

É importante ressaltarmos que o sujeito se constitui pela linguagem, por meio da interação com o outro. Firmando-se nos pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) *apud* Salles (2007) - a linguagem se constitui em um processo vivido ativamente por sujeitos engajados em atividades socioculturais, ao adquirir uma linguagem a criança produz bem mais que apenas a fala, sendo que é a linguagem que permite ao sujeito participar de uma atividade discursiva, assim como ter a possibilidade de se perceber como um ser único e desenvolver componentes que lhe permitam assumir sua posição como ser da linguagem.

Apesar de a linguagem ser dinâmica e possuir amplitude subjetiva que abrange a formação constitutiva do sujeito e do seu olhar para posicionarem-se no mundo, os caminhos de desenvolvimento da escrita das crianças surdas não são iguais e únicos, pois passam por um processo de imprevisibilidades e diferenças. Nessa concepção, podemos perceber que o surdo participa da sociedade e deste processo inserindo-se neles como sujeitos ativos e singulares.

Cabe aqui ressaltar que apesar da Libras ser fundamental em todo o processo de desenvolvimento da escrita por surdos, nem todos têm acesso a ela, devido a grande maioria nascer em famílias ouvintes que, em geral a desconhecem. E para que seja possível aprenderem a Libras, precisam ter tido contato com adultos surdos usuários dessa língua ou estarem inseridos num escola bilíngue com acesso à sua língua materna. Porém, quando os sujeitos surdos desconhecem sua própria língua, isso gera consequências preocupantes, como chegar ao ensino regular sem ter uma língua partilhada com o professor, sem utilizar de forma fluente a língua portuguesa e nem a língua de sinais.

O surdo percebe o mundo visualmente, possuindo uma diferença linguística importante, sendo importante enfatizar o aprendizado da língua materna deste sujeito, entendendo e compreendendo a funcionalidade dela, para que posteriormente seja possível a inserção da escrita em contextos significativos nos quais a pessoa surda seja capaz de interiorizar a língua portuguesa e perceber sua funcionalidade (GUARINELLO, 2012).

Considerando os aspectos importantes no processo de aquisição da linguagem pelos surdos, abordaremos na próxima subseção uma breve reflexão sobre a abordagem funcionalista da linguagem.

3- Sobre a abordagem Funcionalista

Ao realizamos um estudo sobre a abordagem funcionalista em seu contexto, vê-se que para seus pesquisadores, a língua é concebida como um meio para a expressão de significados funcionais, tendo como uma das principais fontes os trabalhos desenvolvidos pelo funcionalista Hymes (1979).

O conhecimento de uma língua implica não somente os princípios organizacionais (estruturas e itens lexicais), como também incluem regras pragmáticas e sociais da língua, quando começam a dar importância a esta abordagem, eis que surge a abordagem comunicativa, seguindo a ótica funcionalista por esta ir além das estruturas linguísticas internas e incluir aspectos sociopragmáticos, passando os procedimentos de ensino de segunda língua por mudanças.

A perspectiva funcionalista da linguagem defende que para aprender uma língua é necessário que as pessoas aprendam a se comunicar, que os diálogos não sejam memorizados, aprendem a ter consciência de que a contextualização é a base do aprendizado. É importante a tentativa de comunicação desde o início do estudo, é essencial aceitar a língua materna do outro, entre outros fatores importantíssimos neste processo julgados importantes pelos pesquisadores desta abordagem.

Porém, entende-se que a teoria funcionalista tem como objetivo descrever a linguagem como requisito de interação verbal, realizando o estudo da semântica e sintaxe,

sempre girando suas discussões na questão da organização das palavras, seguindo os padrões gramaticais (sujeito+verbo+objeto). Seus estudos eram focados na estrutura da oração e na função de cada conceito dentro da mesma, tendo como base a teoria da Gramática Funcional que por sua vez tem seu olhar voltado aos estudos relacionados à estrutura gramatical da oração, em analisar o discurso em si e os elementos que o compõem, distribuindo suas relações funcionais em três níveis: funções semânticas, sintáticas e pragmáticas (PEZATTI,2004).

No entanto, o funcionalismo segue seu interesse de investigação linguística ultrapassando a estrutura gramatical quando busca no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua e “ao lado da descrição sintática cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso” (CEZARIO, COSTA; CUNHA, 2003, p. 29).

A partir dos objetivos da perspectiva em descrever e analisar a língua em uso, discorreremos na subseção a seguir a respeito da Libras na ótica funcionalista.

4- Libras sob ótica funcionalista

A Libras é uma língua atualmente muito discutida pelos pesquisadores quando diz respeito à sua interferência no processo de ensino aprendizagem do sujeito surdo em processo de aquisição de linguagem. Por sua vez, a Libras é considerada uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e corporais, exigindo um certo grau de compreensão pela sua complexidade linguística.

Ao decorrer das discussões e ao realizar um estudo sobre a Libras, perceberemos nela traços da perspectiva funcionalista, no que diz respeito às funcionalidades da mesma. Traços estes que consideramos importantes observar e que nos levam a refletir o porquê de não utilizá-los no processo de aquisição de línguas por sujeitos surdos. Pois, a partir do momento em que o seu falante, sendo ele nativo ou não, conhece as regras pragmáticas e a funcionalidade de sua língua, posteriormente entenderá e compreenderá os processos para que

possam adquirir uma segunda língua respeitando as funcionalidades de sua língua materna, a Libras.

Discorrendo sobre a Libras, sob a perspectiva funcionalista, não podemos nos esquecer de que ela é uma língua visuo-espacial, que necessita da visão para que seja possível utilizá-la e colocá-la em prática, ou seja, é percebida pelos olhos. A mesma apresenta algumas peculiaridades que são normalmente quase desconhecidas pelos profissionais que estudam e lidam com o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos surdos.

Esse desconhecimento gera alguns tipos de questionamentos tais como, quais os níveis de análise possível para essa língua em relação à fonologia, à semântica, à morfologia e à sintaxe nela presentes? Uma vez que as línguas de sinais de forma geral são expressas sem som e no espaço, sendo que as pesquisas realizadas de várias delas por estudiosos sobre o assunto relatam que tais línguas são muito complexas e apresentam todos os níveis de análises da linguística tradicional (MEC, SEESP, 2007).

Conforme vão surgindo novas propostas de estudos sobre a Libras, nota-se por outro lado que a abordagem funcionalista busca estudar em seus contextos questões relacionadas à funcionalidade das unidades mínimas presentes nas línguas, tal qual a importância de utilizar os elementos compostos em sua gramática. Sendo assim, ao trazermos estes traços para a Libras, podemos dizer que as configurações de mãos, juntamente com as localizações em que os sinais são produzidos, os movimentos e as direções são as unidades menores que formam as palavras. Nelas também podem ser analisadas as unidades mínimas através de pares mínimos, ou seja, pares que apresentam apenas uma unidade que implica em mudanças de significado apresentando, portanto, uma determinada função fonológica na língua.

A morfologia e a sintaxe das Libras são elementos linguísticos que determinam a estrutura interna das palavras e das frases que refletem o sistema computacional da linguagem (MEC, SEESP, 2007). Notemos que estes fatores são presentes nas análises funcionalistas da segunda língua materna destes sujeitos.

Na língua em discussão neste texto, os sinalizadores estabelecem os referentes que podem ou não estarem associados a uma localização no espaço e presentes fisicamente, pois além de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos ao longo do Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.2, p.183-302, setembro-dezembro, 2018.

discurso. Como por exemplo, quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente. Por outro lado, quando os referentes estão ausentes do discurso são estabelecidos pontos abstratos no espaço. Na língua materna dos surdos são frequentes os sinais manuais acompanhados de expressões faciais que podem ser consideradas gramaticais, sendo chamadas de marcações não manuais, refletindo em seus mecanismos espaciais e faciais uma estrutura complexa (MEC, SEESP, 2007).

Frente a toda gama linguística que compõe a Libras, hoje, novas propostas estão surgindo para que seja possível inserir os surdos num ambiente, em metodologias educacionais e em práticas de aquisição que melhor oportunize-os a adquirir uma aprendizagem eficaz tendo domínio das línguas a eles submetidas.

No Brasil, por exemplo, a proposta estudada pela maioria dos pesquisadores é a proposta bilíngue, na qual duas línguas são acessíveis à pessoa surda, a viso-espacial e a LP na modalidade escrita, cujo desenvolvimento é concebido, tendo como base em técnicas de ensino de segundas línguas.

Essa proposta de aprendizagem para pessoas surdas tem como premissa a possibilidade de propiciar a esse grupo minoritário a aquisição e uso da Libras como primeira língua (L1) e a modalidade escrita da LP como segunda língua (L2). Como mencionado, essa proposta se manifesta claramente na Lei 10.436/2002. (MEC, SEESP, 2007).

Ao considerar que o canal de aprendizagem dos surdos é visual, Ferreira Brito enfatiza que a língua de sinais apresenta um papel central no processo educacional, devendo ser usada constantemente durante as aulas e a LP ensinada com ênfase na escrita (MEC, SEESP, 2007).

5- Considerações Finais

Ao estudarmos a língua de sinais, discutindo métodos que melhor podem estimular e incentivar os sujeitos surdos no processo de aquisição de linguagem, pudemos fazer uma relação entre a aquisição de linguagem sob uma ótica funcionalista. Consideramos ser importante no desenvolvimento cognitivo relacionado ao processo de aquisição de uma língua em que o sujeito surdo conheça as funcionalidades da sua língua materna, a Libras e qual a Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.2, p.183-302, setembro-dezembro, 2018.

função de cada elemento. Ou seja, de todos os parâmetros que a compõem, entendendo as suas funções gramaticais, para que posteriormente seja possível a interiorização de uma segunda língua respeitando as funções e normas gramaticais estabelecidas a cada uma.

No entanto, cabe a nós, como educadores, termos um olhar crítico, observarmos com mais veemência cada passo que o aluno surdo dá quando está no processo de aquisição da linguagem. Dando assim, a ele, a oportunidade de ter contato com a sua língua materna. Introduzindo-os às regras pragmáticas contidas nela, seguindo, por exemplo, a perspectiva funcionalista ao explicá-los qual a importância de cada elemento mínimo composto na Libras. Para que estes possam, dessa forma, após este processo, conseguir entender que ao realizarem a tradução da L1 para a L2, na modalidade escrita, devem respeitar a norma padrão a elas estabelecidas. Mas também não podemos nos esquecer de que a língua materna dos surdos também possui suas próprias regras gramaticais que devem ser respeitadas.

Sendo assim, não devemos ignorar as singularidades linguísticas dos surdos, mas ter conhecimento da influência da Libras nas suas produções escritas, utilizando critérios diferenciados para avaliar a escrita dos alunos surdos. Pois, mais do que olhar para a escrita de surdos, é preciso perceber as manifestações escritas de pessoas que, em suas singularidades, constroem representações próprias sobre o funcionamento da LP, como resultado de suas próprias interações sociais com essa língua.

Na Libras, os parâmetros que a compõe faz toda a diferença quando seus usuários utilizam em contexto, porém a maior dificuldade dos sujeitos estão em transcreverem para a LP escrita, pois deles é exigido escreverem de acordo com as normas padrão da L2, sendo que a L1 também possuem estruturas gramaticais próprias.

Portanto, é necessário ter em mente e não esquecermos que para ocorrer uma aquisição prazerosa da L2 é importante que os surdos tenham tido uma aquisição da L1 de forma “sadia”, ou seja, de forma também adequada, recebendo o *input* em sua primeira língua para, compreendendo a funcionalidade da mesma para que o processo de aquisição não somente da LP como L2 na modalidade escrita ocorra de fato, como também de quaisquer outra língua seja ela, inglês, espanhol, francês.

REFERÊNCIAS

CRUZ, S. Dueles. “**A Transitividade na Escrita do Surdo Bilíngue segundo a abordagem Funcionalista**”, disponível em <[HTTP://www.periodicos.ufes.br/conel/article/download/2011/1523](http://www.periodicos.ufes.br/conel/article/download/2011/1523)> Acesso em 08/08/12.

FERREIRA BRITO, L. *Integração social & educação dos surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora. RJ. 1993.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos Fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP& A, 2003

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, Maria Medianeira de. -Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GUARINELLO, A. C. Alunos Surdos e linguagem escrita. *Presença Pedagógica*, Maio/Junho, 2012. Editora Dimensão, vol.18/N.105, pg.13-17.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. **Transitivity in grammar and discourse**. *Language*, 56 (2): 251- 299.1980.

KEPPA, L. A. **Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramaticos em processo de reconstrução de linguagem ou “eu e você? diferente”**. In: *Revistas Sínteses*, Campinas, Vol.14, 2009, 120-136.

PEZATTI, E. G. **O funcionalismo em lingüística**. In.: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística*. V.3: Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004, p.165 - 218.

QUADROS, R. M de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima [et all]. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. 2ª ed. Brasília: MEC, SEESP, v.1, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **O tradutor e interprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**/Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.2° Ed.94 p. Il.